

QUINZAINÉ  
DIRECTORS' FORTNIGHT  
CANNES 2014

TORONTO  
FILM FESTIVAL  
SELECÇÃO OFICIAL

MOSTRA DE SÃO PAULO  
PRÊMIO DA CRÍTICA  
MENÇÃO ESPECIAL

LISBON & ESTORIL  
FILM FESTIVAL  
COMPETIÇÃO

# O PEQUENO QUINQUIN

UM FILME DE BRUNO DUMONT



## MELHOR FILME DO ANO

CAHIERS DU CINÉMA

(Este texto revela aspectos importantes sobre o enredo do filme)

### Bomba

por Stéphane Delorme

Às vezes, perante um filme, as únicas palavras que vêm à cabeça são: “não é possível”. A última vez foi perante *Holy Motors* de Leos Carax. Agora existe *O Pequeno Quinquin*. Não, não é possível que um cineasta tão sério como Bruno Dumont realize o filme mais engraçado desde há anos. Não é possível que um cineasta atinja o seu auge ao mudar totalmente de registo, como se fosse preciso dar um passo ao lado para que tudo passe a um nível superior - sonhamos de repente ver um filme cómico de Bergman, de Antonioni, de Dreyer, de Tarkovski. Não é possível fazer-nos rir desta forma de personagens enraizadas na França profunda sem que isso passe por escárnio com más intenções – mas o cineasta disse-o em Cannes, onde o filme foi mostrado na Quinzena: “Riam sem culpa!” Não é possível este cinema que muitas vezes parece mudo gerar um texto tão louco e surrealista do qual nos lembramos de cor. Não é possível que o melhor actor cómico jamais visto neste planeta seja um desconhecido de nome Bernard Pruvost, jardineiro até há alguns meses, que multiplica os instantes do jogo de sua livre vontade ou a defender o seu corpo, sem que possamos distinguir um do outro. Não importa o quê, não é possível, e é tudo aquilo que queremos.

*O Pequeno Quinquin* é uma bomba, não só pelo seu estilo cómico explosivo, irresistível, mas porque ele explode toda a postura do autor, ridiculariza todas as falsas audácias e a timidez fingida que gostamos de usar nos nus. *O Pequeno Quinquin* é um gesto radical, definitivo, por parte de um cineasta que sabe já não ter nada a provar. Quanta confiança foi precisa Dumont ter em si mesmo para se aventurar em tal projecto! Bravo ao canal ARTE por ter apoiado o cineasta numa aposta tão excêntrica. *O Pequeno Quinquin* é uma série de 3h20 a descobrir em quatro episódios na televisão mas teríamos gostado que a versão cinema (única diferença: o formato Cinemascope) tivesse saído na sua sequência, uma vez que a experiência de vê-la uma vez, no meio dos risos do público, foi uma das mais belas recordações do último Festival de Cannes. (...) Para além disso, vemos até que ponto o cinema francês no seu conjunto, muitas vezes inclinado para o academismo, é também o terreno dos projectos mais inverosímeis. É provável que pelo terceiro ano consecutivo o melhor filme do ano para a redacção seja um filme francês, depois de *Holy Motors* e *Desconhecido do Lago*. Não vemos algo que possa destronar este alucinante *O Pequeno Quinquin*.

Quanto a Bruno Dumont, depois de ter tentado e conseguido ter no ano passado o seu primeiro filme com uma “estrela”, *Camille Claudel 1915*, parece ter descoberto um novo continente, e o seu próximo filme será também uma comédia. Em *O Pequeno Quinquin*, Dumont guarda o seu formidável sentido de enquadramento, da paisagem, os seus *raccords* tendem a cair por terra, e vira para os comediantes a sua atenção maravilhosa. E livrou-se de um certo voluntarismo que podia bloquear os seus filmes se fosse demasiado sublinhado ou destacado: faltava-lhe ligeireza. Mas, no fundo, nada mudou: como os seus outros filmes a série dirige-se para um registo trágico (cada vez mais calmo) que substitui a humanidade no mundo e confronta o absurdo do mal. Ele é, hoje em dia, o nosso cineasta metafísico. Mesmo Brisseau ou Guiraudie preenchem as suas narrativas a partir das relações humanas.

Em Dumont, há sempre um momento em que o rosto se abre: é uma promessa de paisagem. E o homem não pode assinalar mais do que a terra. Uma figura desarmante, a mais bela do seu cinema, observa o mundo à sua frente. A câmara mostra de seguida aquilo que ele vê de um ponto de vista subjectivo que dita a beleza do mundo, o mistério do mundo, mas também a beleza e o mistério daquilo que vemos. Nos três últimos planos de *O Pequeno Quinquin*, dois rostos olham à vez na mesma direcção e já não sabemos se aqueles dois vêem aquilo que nós vemos. Não é possível, estamos lá, vemo-lo, estamos “no coração do mal”, é como dizer em parte nenhuma, e não importa onde na Terra.

Editorial da revista Cahiers du Cinéma, nº703, Setembro de 2014



*Realização:* Bruno Dumont

*Argumento:* Bruno Dumont

*Elenco:* Alane Delhaye, Lucy Caron, Bernard Pruvost

*Director de Fotografia:* Guillaume Deffontaines

*Produção:* 3b Production, Arte

*Género:* Comédia

*Duração:* 197 minutos

*Distribuição:* Leopardo Filmes

